

## CARVOEIROS, SIM SENHOR! A POIÉISIS QUE MOBILIZA O IMAGINÁRIO CRICIUMENSE

*Coal miners, yes sir! The poiésis that mobilizes the cricumenian imaginary*

*Carboneros, ¡sí señor! La poiésis de origen que moviliza el imaginario cricuménico*

Elton Luiz Gonçalves <sup>1</sup>

Heloisa Juncklaus Preis Moraes <sup>2</sup>

**Resumo:** Analisamos, na perspectiva do Imaginário, a retroalimentação dos sentidos afetivos e emocionais, a apropriação e interpretação dos bens simbólicos na comunidade imaginada cricumense, cidade do Estado de Santa Catarina, a poiésis relativa à imagem do carvão. A base teórica metodológica segue as cinco versões de definição ou de aproximação do termo Imaginário propostas por Silva (2020): ambiente; ficção compartilhada socialmente; fantástico do cotidiano; excedente de significado e memória afetiva.

**Palavras-chave:** Audiovisual. Imaginário. Identidade. Memória. Cotidiano

**Abstract:** We analysed, from the Imaginary perspective, the feedback of affective and emotional senses, the appropriation and interpretation of symbolic goods in the Criciúma imagined community, city of Santa Catarina State, the poiésis related to the image of coal. The methodological theory basis follows the five versions of definition or approximation of the term Imaginary proposed by Silva (2020): environment; socially shared fiction; quotidian fantastic; surplus of meaning and affective memory.

**Keywords:** Audiovisual. Imaginary. Identity. Memory. Quotidian

**Resumen:** Analizamos, desde la perspectiva del Imaginario, la retroalimentación de significados afectivos y emocionales, la apropiación e interpretación de bienes simbólicos en la comunidad imaginada de Criciúma, ciudad del estado de Santa Catarina, la poiésis en la imagen del carbón. La lectura metodológica se fundamenta en las cinco versiones o aproximación del Imaginario por Silva (2020): ambiente; ficción socialmente compartida; fantástico del cotidiano; excedente de sentido y de memoria afectiva.

**Palabras-clave:** Audiovisual. Imaginario. Identidad. Memoria. Cotidiano

---

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul. eltonluizgoncalves@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-0506-8210>.

<sup>2</sup> Professora Doutora, orientadora. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul. heloisapreis@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-2038-7022>.

## 1. Introdução

A troca de valores envoltos em carga emocional nos parece, no momento contemporâneo, a nova ordem das ações estratégicas das organizações – de qualquer natureza. O rol das prioridades é encantar o público de interesse, motivá-lo a se identificar e pertencer-se a uma comunidade simbólica afetiva. No futebol, o cenário não é diferente. Para além das quatro linhas no gramado, para além do gol, do artilheiro, da equipe de chuteiras, um clube vai valer-se ainda de outros meios, mecanismos e recursos para seduzir, maravilhar e fascinar o torcedor, numa comunicação tal, oportuna e eficaz a fim de fortalecer sua identidade própria, singular, o senso de pertencimento, provocar um interesse maior e não menos que entusiástico.

O audiovisual, nesta perspectiva, é fecundo para o imaginário do futebol, sobretudo quando entrelaça e envolve sua comunidade – falamos aqui comunidade como o conjunto para além de sua torcida, os demais concidadãos do mesmo espaço social – em narrativas significativas e memoráveis. É quando o tema não simplesmente conta uma história futebolística factual e repetida, quando a mensagem audiovisual não apenas se propõe a vender um artigo efêmero ou um mero produto, mas quando a narrativa transcende a notícia e/ou o anúncio promocional, e efetivamente compartilha e legitima o imaginário local, faz referência ao lugar, prioriza a estética do espaço, o enlace simbólico e sensível de seus membros. Esse potencial, como veremos, do audiovisual, coloca em cena uma narrativa que mitifica o presente e o futuro pelo passado. Os mitos, com seus símbolos e imagens, transformados e ressignificados no

tempo e na cultura, formam narrativas reconhecíveis, sedutoras, carregadas de sentido e que vão germinando o universo simbólico, a aura que reconhecemos como imaginário social.

Temos especial interesse pela ambiência local e regional, procurando entender os processos simbólicos que nos rodeiam e mobilizam. É importante frisar e assumir que partilhamos desse imaginário específico, pois nascemos e vivemos nesta cidade, ou seja, para além da autoria da pesquisa, somos filhos criciumentenses e estamos comprometidos, como nos coloca Krohling Peruzzo (2017, p. 172), numa “pesquisa participante, [...] enfoque que admite e pressupõe um nível mais elevado de participação ou envolvimento do investigador no grupo pesquisado. [...] O pesquisador atua como parte do grupo investigado ao mesmo tempo em que o observa”. Existe em nós uma necessidade instigante de aprender, de conhecer e de perceber com mais apreço as articulações simbólicas na formação de localismos particulares.

Neste cenário, partimos do entendimento que a essência, os simbolismos, a identidade de um clube de futebol – esteja ele no alcance midiático e de público que seja, internacional, nacional, regional, municipal, aquele do nosso bairro – mantém e espelha as raízes do seu lugar. Apesar de nos debruçarmos comumente sobre objetos locais e regionais, as discussões estabelecidas promovem a reflexão sobre o movimento simbólico, esse que se dá em todo o espaço, tempo, objeto, com suas nuances e particularidades, mas com contumaz universalidade, convergência e recorrência de imagens. O filme *Carvoeira do Criciúma Esporte Clube*, time de Santa Catarina, responde a esta consideração – audiovisual, futebol e localismo –, especialmente por compreender, abarcar a identidade, a memória, o cotidiano, a atmosfera da região, em outras palavras, articula e mobiliza a pregnância simbólica da particularidade

local – poiésis e estética da atividade carvoeira e seus simbolismos míticos – como laço de pertencimento à cidade.

O recorte que efetuamos busca o sentido das imagens simbólicas que transcendem a origem da indústria do carvão como atividade econômica para uma poiésis no imaginário da cidade – evidenciada pelo imaginário do futebol do *Criciúma [C. E. C]*. O carvão aparece como símbolo de identidade local e essa observação reforça nossas pesquisas sobre os simbolismos representados através das narrativas, das imagens e das práticas, das exteriorizações simbólicas que configuram e dão um sentido ao imaginário motivador da/na vida social, especialmente aquela ao nosso redor.

Os estudos do imaginário se dedicam à perspectiva simbólica que envolve um tema, um contexto, um grupo, um conjunto societal. Entre inumeráveis objetos, corpus, discussões e reflexões teórico-práticas realizadas pelo *Grupo de Pesquisas do Imaginário e Cotidiano (Unisul – CNPq)*, nos colocamos no âmbito sociológico quando exploramos a abordagem investigativa no sentido motivador do Trajeto Antropológico (Durand, 2012, p. 41), “a incessante troca que existe no nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”.

Na retroalimentação dos sentidos simbólicos entre o individual e o social, entre o subjetivo e o objetivo, entre o que é próprio da espécie humana e o que está em seu entorno, o imaginário é então esse trajeto formador de imagens, “o processo dinâmico de criação, transmissão, apropriação e interpretação dos bens simbólicos” (Ferreira-Santos e Almeida,

2012, p. 38). Nesta pesquisa, nos interessam as recorrências simbólicas, as (re)vestimentas dos sentidos culturais de acordo com as épocas e os lugares em que aparecem.

A leitura metodológica – da análise – que propomos tem como base teórica as cinco versões do imaginário por Silva (2020), quando o autor examina cinco possibilidades de definição ou de aproximação do termo imaginário: ambiente; ficção compartilhada socialmente; fantástico do cotidiano; memória afetiva e excedente de significado. Assim, tal como aponta Silva (2020) em suas versões, podemos nós testar essas noções no imaginário criciumense como relativo à imagem do carvão, das minas e dos mineiros – noções estas que destacamos.

## 2. O filme: Carvoeira

Carvoeiro(a) é o adjetivo equivalente à indústria ou ao comércio de carvão, a uma região ou centro carvoeiro. A terceira camisa do uniforme do *Criciúma Esporte Clube* de Santa Catarina para a temporada 2020/2021 (FIG. 1) foi batizada com o nome de *Carvoeira* numa alusão e homenagem à atividade carbonífera que dominou por décadas a economia da região sul do Estado e constitui identidade significativa, sobretudo, do imaginário criciumense.



Figura 1 – CARVOEIRA – filme promocional. Fonte: Instagram @criciumaoficial do Criciúma Esporte Clube.

Recuperado em 22 abril, 2021, de:

<https://www.instagram.com/p/CDTrAqRjMAG/> .

Uma das ações de marketing no lançamento da *Carvoeira* foi a apresentação de seu filme promocional e, aquilo que se produziu como comunicação audiovisual, para além do ato comercial, se consolida como pregnância simbólica, expressão que (re)vincula todo o imaginário local ao produto. É a partir deste filme que fazemos a nossa leitura das cinco noções do imaginário social carvoeiro cricumense e fundamentados por Silva (2020), tópicos os quais identificamos em ordem alfabética – do “a” ao “e” – no decorrer desta análise para, sistematicamente, nos relacionar ao método.

### 3. {a} A aura carvoeira: Imaginário como ambiente ou atmosfera

Ao considerar o imaginário como ambiente, Silva (2020) aproxima-o ao que Maffesoli (2001) expressa como atmosfera, o ar do tempo, quando o cotidiano se vive num contexto expressivo tal que as situações do dia a dia caracterizam certa particularidade. O jeito de falar, os modos de se vestir, de sentir, as ideias que se compartilham condensam, salientam e evidenciam um modo de existência num cenário singular que ganha um rótulo, ou seja, uma possibilidade de representação.

O objeto de nossa análise, a *Carvoeira* – filme e produto – demarca essa adesão ao imaginário carvoeiro, uma aura própria, afetiva e emocional, uma tonalidade particular dos criciumenses. A vida urbana aqui retrata a indústria carvoeira, atividade que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da cidade e, mesmo que na atualidade já não se destaque como atividade principal no sentido de economia e trabalho, ainda compõe e arranja simbolicamente essa atmosfera.

Descoberto ainda no século XIX, o “ouro negro”, como era chamado, ganhou popularidade como atividade industrial – e extrativista – “com o início da Primeira Guerra Mundial, [quando] o carvão internacional ficou escasso, obrigando o governo brasileiro a incentivar a produção do carvão nacional, iniciando assim, a primeira fase da exploração do mineral que, em abundância, começava a movimentar a economia local” (Câmara Municipal de Criciúma<sup>3</sup>). Em meio a Segunda Guerra Mundial, uma lei federal estimulou a atividade, uma

---

<sup>3</sup> Cronologia histórica criciumense. Recuperado em 13 abril, 2022, de: <https://www.camaracriciuma.sc.gov.br/cronologia-historica-criciumense>.

segunda fase da exploração impulsionou a indústria e, em 1943, Criciúma passou a ser conhecida como a Capital Brasileira do Carvão, título mantido até os dias de hoje.

O carvão, durante muito tempo, foi a principal atividade econômica de Criciúma. Com a produção desse minério, muitas indústrias instalaram-se aqui, fazendo com que pessoas brasileiras e estrangeiras viessem para o município em busca de emprego. O carvão gerou tanto lucro que ficou conhecido como o “ouro negro” (Honorato, Conti, Silva, Bez Birolo, & Marcineiro, 2020, p. 73).

Dada a importância – reiteramos – econômica, social e histórica que a indústria mineral carbonífera desempenhou – e desempenha, mesmo a cidade sendo movida por uma ideia de progresso que se faz predominar no tempo presente –, nutriu a existência de um conjunto afetivo e emocional aos criciumenses, uma representação – dizemos, carvoeira – que faz seus cidadãos sentirem-se mais próximos. A imagem do carvão criou o imaginário criciumense como particular, “[...] uma força social de ordem espiritual, uma construção mental” (Maffesoli, 2001) que se alimenta da composição histórica e que resulta também na produção das novas imagens da cidade.

Do contexto histórico, aqui os bairros têm nomes relativos à indústria carbonífera, como *Cidade Mineira*, *Próspera*, *Poço Um*, *Operária*, *Santa Bárbara* – a padroeira dos mineiros – e, nomes das antigas minas de carvão, *Mina Quatro*, *Mina do Mato*, *Mina Brasil*, *Mina do Toco*, bem como o bairro *Tereza Cristina*, alusivo à ferrovia que corta transversalmente a cidade e supre – quase que exclusivamente – às mineradoras no transporte do carvão mineral. Na



contemporaneidade, exemplos não faltam, há uma rede de ônibus executivos na cidade que se chama *Mineirinho* e, sem não nos alongar nas referências, muitas atividades – comerciais, em geral – igualmente estão encravadas nessa atmosfera carvoeira, aqui se tem, entre muitos nomes, a rádio *Hulha Negra*, a pizzaria *Toca do Mineiro*, a loja de estofados *CarvoMaq*, o mercadinho *Armazém Carvoeiro* e o *Museu Carvoeiro*, este, dedicado a guardar recordações na/para a história do *C. E. C.*

Da mesma forma, o futebol está encravado no imaginário criciumense, dado o seu contexto histórico, pois a indústria carbonífera fomentou o desenvolvimento de clubes de futebol na região sul catarinense, não somente a cidade de Criciúma. Alguns – num sentido célebre – dos principais clubes da cidade nasceram das empresas do carvão, tal como o *Esporte Clube Próspera*, fundado em 29 de março de 1946 por trabalhadores da *Mina Carbonífera Próspera*<sup>4</sup>, e o *Esporte Clube Metropol*, fundado no dia 15 de novembro de 1945, com intuito de abafar uma greve de mineiros da *Carbonífera Metropolitana*<sup>5</sup>. Aqui, o futebol se caracterizou como importante elemento na cultura carvoeira, e torna-se um terreno privilegiado para estudos dos localismos do/no imaginário social.

Entretanto, no que toca o objeto da análise – a *Carvoeira* –, podemos pôr em evidência o imaginário como o “sentido oculto que emerge espontaneamente” e que “o tempo afeta o imaginário como elemento revelador” (Silva, 2017, pp. 128; 139). Dizemos isto, pois, observando a história, o *Criciúma Esporte Clube* não nasce na/da indústria carbonífera, mas

---

<sup>4</sup> Esporte Clube Próspera. Recuperado em 14 abril, 2022, de: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=634>.

<sup>5</sup> Esporte Clube Metropol. Recuperado em 14 abril, 2022, de: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=122709>.

incorpora e cristaliza esse imaginário. Tal interpelação inevitável, como observamos e estamos procurando demonstrar, envolve toda a produção identitária do clube.

O *Criciúma Esporte Clube* nasce do *Comerciário Esporte Clube*, e de uma tentativa de unificar os times de futebol da cidade. O time do Comerciário usava as cores azul e branco, e que foram as cores iniciais então do C.E.C. Somente no ano de 1984 é que houve a troca para as atuais cores amarelo, preto e branco.

No dia 13 de maio de 1984 o Criciúma deixou de usar as cores azul e branco e começou a utilizar o amarelo, preto e branco. As cores não foram escolhidas ao acaso e cada uma possui um significado que liga o time à região. O preto simboliza o carvão, uma das principais atividades econômicas dos municípios do Sul. O amarelo simboliza a riqueza da região. O branco era uma cor comum a todos os times da época e leva a harmonia ao conjunto (CRICIÚMA ESPORTE CLUBE<sup>6</sup>).

O entendimento que se pode fazer da mudança na identidade visual é a tentativa, se não mais que uma necessidade e inevitabilidade, de estreitar laços com a comunidade, identificar-se, conectar-se e oferecer um sentido de pertencimento aos concidadãos criciumenses impregnados da estética carvoeira, o que não seria possível com os antigos elementos, nome e cores do clube.

---

<sup>6</sup> Homepage oficial do Criciúma Esporte Clube. Recuperado em 15 abril, 2022, de: <https://www.criciuma.com.br/historia>.

Assim, é manifesto nestas formas de expressão que o imaginário carvoeiro abraça, envolve, cobre, produz e se faz presente como a aura, a atmosfera, a troca que, evocando sentimentos, manifesta a sua representação e estética nas mais diversas produções simbólicas da cidade de Criciúma. O carvão é esse cimento social criciumense, o imaginário local que determina a existência desse conjunto particular e singular de imagens e ambiência (Maffesoli, 2001).

#### **4. {b} A narrativa carvoeira: Imaginário como ficção compartilhada**

Articula-se o conceito de imaginário como ficção compartilhada tendo em vista que “nenhuma sociedade se mantém coesa sem o compartilhamento de algumas ficções construídas coletivamente ao longo do tempo” (Silva, 2020, p. 10). Isto é, o compartilhamento de ficções e narrativas que, mesmo sem qualquer “verdade histórica”, servem de sustentação para o sentimento coletivo unificador numa construção social. Esse imaginário como ficção compartilhada nada tem a ver com a mentira, pois, “ao contrário da mentira, uma realidade imaginada é algo em que todo mundo acredita e, enquanto essa crença partilhada persiste, a realidade imaginada exerce influência no mundo” (Lobato, 2019).

Posto que não se opõe à realidade, o imaginário não trata de ilusão, ou ainda que não se criou uma outra realidade. Para além de qualquer materialidade concreta, as ficções compartilhadas são formas simbólicas, dão significação e estão nas mediações com as quais estabelecemo-nos no mundo. “O imaginário responde, é importante que isso fique claro, tanto

pelos fantasmas, pelos monstros, pelos sonhos e pesadelos quanto pelos pensamentos, pelos discursos e pelos devaneios” (Almeida, 2020, pp. 43-44).

Essa ficção compartilhada está expressa, e produz efeito no próprio texto do filme, a Carvoeira:

Do amarelo vem nossas riquezas, do branco a nossa união. Mas é o preto que conta a nossa história. O preto da luta, da honra, o preto do carvão. Poucos tem a sorte de torcer por um clube que representa uma região de tanta gente batalhadora e guerreira. Somos diferentes, somos quentes quando estamos na arquibancada, e somos frios para encarar nossas maiores batalhas, como uma mina a cem metros da terra. Torcida do Criciúma Esporte Clube, está materializado todo o nosso sentimento de pertencimento e orgulho das nossas gentes. Apresento a camisa mais pesada de Santa Catarina, e ela tem nome. Seja bem-vinda, Carvoeira!

A alusão ao preto, ao sentimento de garra e frieza que conta a nossa história, simboliza a luta, a honra, as batalhas no trabalho duro nas minas de carvão que sustentou a construção, o fortalecimento e a fixação da cidade de Criciúma, e que, agora, esse sentimento, essa qualidade, essa essência se materializa nas arquibancadas do estádio de futebol e no coração do torcedor. A narrativa da Carvoeira se espelha, está ancorada no imaginário do cricumense, e nada tem com invencionice, mas dialoga, intencionalmente, na “passagem do real [...] ao hiper-real, o real mais que real, o real carregado de significado, o real transfigurado” (Silva, 2017, p. 74). Ela não se importa por uma realidade nos fatos, o texto ao ficcionar essa visão de mundo específica, romantiza, hiper dimensiona e mitologiza o cotidiano para, emocional e

afetivamente, articular, mobilizar a tônica carvoeira impregnada e gerar valor, devidamente adequar aos seus propósitos particulares. Almeida (2020, p. 41) ratifica que “a manipulação estética [...] sempre jogou com o imaginário, no sentido de dotar de sentido a realidade, mais do que meramente registrá-la”. Essa imagem mitológica do carvão, da origem e identidade da cidade, atualiza o pertencimento, o vínculo através da mensagem do audiovisual: força, garra, o mineiro desbravador que paira no imaginário e é reconhecido por nós, criciumenses. Essa ficção compartilhada se alia ao fantástico do cotidiano.

### **5. {c} O mineiro e a mina: Imaginário como fantástico do cotidiano**

No cotidiano, que diz respeito aos fatos que fazem parte do dia a dia, das ações rotineiras nas quais nos satisfazemos habitualmente, o imaginário põe em evidência certas recorrências simbólicas de realidades imateriais ou imaterialidade reais (Silva, 2020), ou seja, “o cotidiano está impregnado de fantasias que o transformam, por momentos, em espaço de excitação e de deslumbramento” (Silva, 2020, p. 11).

O fantástico do cotidiano que o imaginário criciumense mostra é a personificação do mineiro forte, robusto, lutador, que quebra e arranca da terra o carvão a picaretadas, eternamente encardido pelo pó e com a pele impregnada pelo mineral. Essa personagem mitologizada já se afasta da realidade da profissão na contemporaneidade, não considera o progresso da atividade, fantasia o mineiro como o herói valente e destemido que adentra obstinado às profundidades das minas para arrancar da terra a hulha negra. A essência do mineiro simbólico preserva o efeito estético de uma fantasia com vínculo na realidade, não uma

fantasia pobre, pois caracteriza, configura um mito solidificado, como nos ensina Durand (2004), reforçado pela lenda que esboça um personagem real – todavia fictício – que denomina, tipifica e encarna o imaginário cricumense.

A mina, que sempre colocou à prova a coragem do mineiro, também é personagem fantástica nesse enredo, a profundidade assustadora, a escuridão, o medo de descer e não retornar faz parte dessa simbólica *sui generis* que partilham os cricumenses, que faz do herói mais herói, que potencializa, desperta o interesse, a atenção na narrativa e alimenta nosso imaginário local. No cotidiano da cidade, o mineiro extrapola a realidade dos fatos, intermedia o real e forja o hiper-real, “a percepção que algo é mais real que real” (Silva, 2017, p. 45), mais que representação do vivido, é essa estética incontornável que colore – ou encobre – de modo singular, o sentido fantástico como uma poesia do mineiro.

O filme – a *Carvoeira* – destaca o fascínio pela personagem do mineiro no imaginário cricumense, as recorrências simbólicas, tanto em imagens como no texto – ver FIG. 1 –, se apropria da “suave e charmosa camada de hiper-real” (Silva, 2017, p. 49) que transfigura e amplia a narrativa carvoeira para, reiterar, sustentar e evidenciar o fantástico no cotidiano local, manifestada na comunicação do seu produto mercadológico.

## **6. {d} O carvoeiro rememorado: Imaginário como memória afetiva**

Na perspectiva do imaginário, Silva (2020) relaciona a memória como tudo aquilo afetivamente recortado e armazenado, seja no âmbito individual e/ou coletivo, positivo ou negativo, mas imagens que foram retidas e ganham significado. No tema carvoeiro, nos

interessa a memória coletiva, as representações afetivas, o conjunto de lembranças e esquecimentos criciumenses que, socializados e transmitidos, conservam uma essência e “sintoniza” nossa estética societal. Essa memória – coletiva, para nosso objeto – remete a uma simbiose entre o passado e o presente, às representações afetivas mobilizadoras que, compartilhadas, reforçam o sentimento de pertencimento ao grupo dos criciumenses – a sua “comunidade imaginada”, no sentido preciso atribuído por Anderson (1989).

E é na transmissão que está a socialização, argumenta Candau (2019, p. 105), “sem essa mobilização da memória [...] já não há socialização [...] e toda identidade cultural se torna impossível”. Mesmo não sendo “autêntica”, não sendo pura, trata da conservação de uma herança e de um legado de significados, tradição, fidelidade, estratégias e consciência das raízes identitárias do corpo social.

O objeto de nossa investigação assenta-se numa memória afeiçoada e épica – digna de epopeia – do mineiro. A memória carvoeira na produção – e no produto em si –, carregada de significação harmônica, compartilha nossa coesão social, a estética do mineiro na tradição criciumense, seja ela ficcionada e/ou fantástica e impregnada na atmosfera local – assim como discutimos nas seções anteriores.

Para além do produto – a camisa carvoeira e o filme – o mineiro é rememorado na cidade – e na região sul de Santa Catarina – em diferentes dispositivos como livros, documentários, artigos de jornais, sites etc. – sem poder enumerar todos e quantificá-los aqui neste espaço –, da mesma maneira que também em diferentes lugares, tal como o *Monumento aos Homens do Carvão*, conhecido popularmente como *Monumento ao Mineiro*, localizado na praça central da

cidade. Há também, como lugar de memória carvoeira, a *Mina de Visitação Octávio Fontana*, atualmente atração turística da cidade e que conta parte da extração carbonífera no município. Estes dispositivos, monumentos e patrimônios são os auxiliares na manifestação, porque não dizer memorialização, da expressiva atividade econômica que ascendeu e estabeleceu parte do imaginário criciumense.

A memória carvoeira é assim berço e enredo para o produto *Criciúma Esporte Clube*, tal como a *Mina de Visitação Octávio Fontana* foi cenário expressivo para a produção do seu filme. Essas obras, por hora fílmicas e comerciais, já figuram no arcabouço da memória afetiva do imaginário carvoeiro. Ao assistir ao vídeo, a narrativa potencializa os símbolos já pregnantes do nosso imaginário coletivo, fazendo a aproximação e identificação entre esse universo simbólico e a mensagem midiática proposta.

É, pois, a memória senão mais que uma seleção – parcialmente formal – de materiais e momentos, lembranças que, pela conservação coletiva, opera uma base de reconhecimento do espaço identitário carvoeiro, contribui e influencia uma parte do nosso quadro social (Halbwachs, 1990).



## 7. {e} O transbordamento carvoeiro: Imaginário como excedente de significação

Sou carvoeiro sim senhor, do sul eu sou  
Daria a vida só para te ver campeão, te ver campeão  
Toda a cidade a te apoiar, laiá, laiá  
No fim do ano outra volta quero dar, e festejar.  
(Os Tigres<sup>7</sup>)

A contribuição de Silva (2020) como aproximação do termo Imaginário está assentada como o transbordamento do real, quando se atribui ao banal, ao cotidiano, algo mágico, que transvaza a significação, o lugar do não-racional, na desrazão. “Atribuir um sentido maravilhoso ou mágico ao experimentado não depende de planejamento ou vontade” (Silva, 2020, p. 12). O imaginário, por vezes, continua o autor, “só se revela por momentos através de manifestações surreais e fugidias” (ibid., p. 12).

O imaginário cricumense extravasa das minas carboníferas e invade o estádio de futebol com uma profusão de significados, como nas músicas entoadas pela torcida – uma delas destacada na epígrafe acima –, e que dão conta das pequenas narrativas articuladas para incentivo à equipe e enraizada no imaginário da torcida e do time carvoeiro. Esses cânticos de cooperação e comunhão articulados sobejam significação, incorporam e potencializam uma diferença cricumense, tecem e refletem parte da nossa cola societal, identificação e tribalismo maffesolianos.

---

<sup>7</sup> Música da torcida organizada do C.E.C., OS TIGRES. Recuperado em 12 janeiro, 2022, de: <https://www.criciumaec.com.br/torcidas-organizadas>. Letra: <https://www.letas.mus.br/os-tigres/1907137/>.

A camisa carvoeira – e seu filme – é a síntese dessa diferença produzida, da sociabilidade carvoeira que adentra ao estádio Heriberto Hulse, interpela, evoca uma experiência estética na desrazão, faz chorar, rir, pular, convulsionar, cantar, bravejar, abraçar-se, comemorar juntos o acontecimento futebolístico, o imaginário como fórmula mágica capaz de que produzir no vivido, no banal, a fantasia da imagem do mineiro transfigurada em nós, torcedores, e nos jogadores.

O excedente de significação aqui fica demonstrado como o futebol, condutor privilegiado na construção de imaginários sociais, absorve e transmuta a história e a memória criciumense para colorir de fantástico, metafórico e mágico, num espaço de celebração – o estádio –, certos momentos vividos nesta atmosfera carvoeira.

O imaginário tem a capacidade, ou a faculdade, de poetizar o cotidiano, desloca-se da realidade, do racional, recortando-o como ficção e “acrescenta-lhe micronarrativas que colam os seus protagonistas ao conjunto social ou dão-lhes um espaço particular dentro da ordem geral [...]” (Silva, 2017, p. 142). Esse excedente de significação sacraliza o banal, transfigura, configura a imagem do vivido... nosso imaginário carvoeiro, sim senhor!

## **8. Considerações Finais**

Tratamos de testar, como leitura metodológica, as cinco noções, possibilidades de definição ou de aproximação do termo imaginário apresentadas por Silva (2020) para dar a conhecer, destacar o imaginário da cidade de Criciúma – cidade no sul do Estado de Santa Catarina – na poiésis relativa à imagem do carvão.

Podemos ver esse imaginário particular sendo articulado nestes cinco avizinhamentos propostos, o imaginário carvoeiro como atmosfera do lugar, pois muitos lugares, espaços e recintos retratam, aludem à imagem da indústria carvoeira, atividade que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da cidade. Como ficção compartilhada pelos criciumenses, observamos que, para além de qualquer materialidade concreta, as ficções compartilhadas são formas simbólicas, dão significação e estão nas mediações com as quais nos estabelecemos neste ambiente carvoeiro. O fantástico do cotidiano no imaginário põe em evidência as recorrências simbólicas do mineiro herói mitológico, forte, desbravador e destemido, bem como da mina aterrorizadora, na qual este mineiro herói vai buscar o ouro negro. No que interessa à memória afetiva, contemplamos documentos, lugares e patrimônios que, do ponto de vista coletivo, têm certa relevância para sustentar e preservar uma imagem do passado para legitimar nosso imaginário – bem como a comunicação comercial do objeto analisado. É, pois, ainda, na espontaneidade, no excesso de significação que o futebol contemporaneamente possibilita, que se concentra e encorpa o imaginário carvoeiro como sentido de unidade e singularidade, o carvoeiro reconhece-se numa dupla distinção ao poetizar o cidadão e torcedor.

O sentido que o ambiente, as ficções compartilhadas, o fantástico, a memória e o excesso de significação dão ao imaginário carvoeiro podem ser constatados na leitura metodológica – e fílmica – que apresentamos e sistematizada por Silva (2020), com a reunião dos demais autores e obras que os conectam, entre eles, Almeida (2020), Candau (2019), Maffesoli (2001) e outros. A camisa carvoeira dialoga, foi motivada, produzida e significada por esse – e nesse – universo de representação particular, a estética do carvão.

Em síntese, é na projeção carvoeira que o departamento comercial e de marketing do Criciúma Esporte Clube puderam formular seu investimento, o empacotamento de significados num produto comercial, e mais que isso, num produto simbólico que aponta e nos permite sintetizar o conjunto significativo que fortalece o imaginário cricumense, e por ele é fortalecido.

O sentido das imagens neste recorte aponta o carvão como símbolo, como poiésis. Esse símbolo é sempre baseado numa relação vertical entre o mundo material – time, camisa – e o mundo das ideias – batalhadores, guerreiros. O carvão constela várias imagens sobre a narrativa mítica fundadora da cidade. A pregnância simbólica aqui demonstra a “capacidade estruturante – arqui-simbólica – que a percepção dispõe para selecionar e reter as informações sensíveis da experiência” (Braga, 2017, p. 48). Nesta articulação, o Criciúma Esporte Clube mobiliza a pregnância simbólica da identidade local – a estética da atividade carvoeira – como laço de pertencimento à cidade.

## **REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, R. de. (2020). Cinema e os imaginários contemporâneos: conferência de encerramento do I Seminário Imaginário e Memória. *Memorare, Tubarão*, v. 7, n. 3, set./dez.
- ANDERSON, B. (1989). *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática.
- BRAGA, J. (2017). O estatuto da obra do objeto cultural em Ernst Cassirer. In: BRAGA, J.; GARCIA, R. (Orgs). *Antropologia da Individuação: estudos sobre o pensamento de Ernst Cassirer*. Porto Alegre: Editora Fi.
- CANDAU, J. (2019). *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto.
- DURAND, G. (2012). *As estruturas antropológicas do imaginário*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

FERREIRA-SANTOS, M; ALMEIDA, R. de. (2012). Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética. São Paulo: Képos.

KROHLING PERUZZO, Cicilia M. (2017). Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. Estudos sobre las Culturas Contemporáneas, XXIII(3). México: Universidad de Colima. Recuperado em 17 junho, 2022, de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31652406009>.

LOBATO, L. (2019, 19 de março). Ficções compartilhadas como característica definidora da humanidade. Recuperado em 12 abril, 2022, de: <https://www.lucianolobato.com.br/2019/03/19/ficcoes-compartilhadas-como-caracteristica-definidora-da-humanidade/>.

MAFFESOLI, M. (2001). O imaginário é uma realidade. Revista Famecos, mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre: Edipucrs, n. 15.

SILVA, J. M. (2017). Diferença e descobrimento. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulinas.

SILVA, J. M. (2020). Cinco versões de imaginário. Memorare, Tubarão, v. 7, n. 3, set./dez.

SILVA, L. da. (Org.). (2020). Criciúma: uma história de todos. Criciúma: Delta Print.